

## **A cidade meridional do Rio Grande do Sul: cidade pampeana ou brasileira?**

Paulo Roberto Rodrigues Soares<sup>1</sup> (Universidad de Barcelona, Espanha)

As primeiras décadas do século XIX podem ser consideradas como as do nascimento da civilização urbana no sul do Rio Grande do Sul. Simultaneamente, cidades surgiam na Argentina e Uruguai. Nosso estudo pretende comparar a formação e a evolução das cidades meridionais rio-grandenses com os processos de implantação urbana das cidades pampeanas. Examinamos diversas características destes processos sócio-espaciais, dentro de um projeto de pesquisa sobre a evolução da morfologia urbana da cidade de Pelotas. A hipótese comparativa parte dos múltiplos aspectos comuns nos processos de configuração urbana: o meio natural no qual se implantaram as cidades, que determinou semelhanças de sítio urbano; as estruturas socio-econômicas cimentadas na grande propriedade e na pecuária; as funções urbanas derivadas destas estruturas.

Estes fatores engendraram processos de crescimento e desenvolvimento urbano em muitos casos coincidentes e, principalmente, produziram semelhantes formas urbanas que singularizam as cidades destas regiões. Nos referimos ao traçado em “tabuleiro de xadrez” (damero), à onipresença da praça e de seus monumentos arquitetônicos no centro do núcleo urbano, bem como aos elementos periféricos como as ferrovias, as feiras e o matadouro. Os ritmos da vida social foram profundamente marcados pela vida campeira e pelos ciclos (quase subordinados à natureza) de produção da carne e do charque. O comércio das cidades se desenvolveu com o fluxo de excedentes de riqueza da produção rural. As disputas políticas entre distintos grupos da elite dominante se produzia nos espaços de reunião das elites proprietárias e políticas (na maioria das vezes o mesmo grupo social).

Estas características encontradas no processo de fundação da cidade de Pelotas, no sul do Rio Grande do Sul nos levaram a tentar compreender como se produziu o processo de urbanização na região platina. A leitura de casos característicos da região nos permitiu transgredir o referencial inicial (o ponto de partida): das formulações de caráter geral da urbanização brasileira aos traços particulares da urbanização pampeana.

Na literatura histórica e geográfica sobre a urbanização iberoamericana é comum encontrarmos a diferenciação entre os modelos de urbanização da América Hispânica e o modelo implantado por Portugal no Brasil. Basicamente esta diferenciação é colocada nos termos de que a cidade de origem hispânica “evoca a existência de uma quadrícula rigidamente disposta sobre o terreno, independentemente da amplitude ou das características do sítio” enquanto que nas fundações brasileiras o modelo foi bastante distinto (Hardoy, 1972:130).

---

<sup>1</sup> Doutorando em Geografia Humana na Universidad de Barcelona, Espanha. Bolsista CAPES.

Esta visão, um tanto sedimentada no pensamento histórico e urbanístico, embora já relativizada em vários trabalhos, nos levou a considerar as origens da urbanização no sul da América do Sul como um fato distinto em relação às outras regiões do continente. É evidente que ao longo deste processo também são encontradas diferenças em meio às semelhanças. Uma vez que cada tempo histórico vai imprimindo suas marcas no território e no espaço urbano, este pode ser conceituado como síntese da acumulação desigual de determinações políticas, econômicas e sociais. Na cidade de Pelotas, mesmo admitindo sua proximidade com as cidades pampeanas, também apresenta potentes fatores de diferenciação, relacionados com a sua inserção na formação social brasileira.

Mais além das determinações econômicas, a cidade é formada de traços culturais, simbólicos e históricos que vão moldando sua paisagem e a vida cotidiana de seus habitantes. É na relação entre estes diversos elementos que pretendemos analisar a cidade de Pelotas, uma cidade do sul do Rio Grande do Sul.

### **A fundação de uma civilização urbana na pampa gaúcha**

A fundação da cidade de Pelotas foi uma consequência da prosperidade da atividade de produção de carne salgada que se desenvolveu no extremo sul do Rio Grande do Sul desde o final do século XVIII. Já em 1812 a produção e exportação do “charque” proporcionava um alto nível de acumulação de riquezas nas mãos da elite de estancieros que viviam na cidade de Rio Grande ou nas charqueadas localizadas nas margens do Canal de São Gonçalo, do Arroio Pelotas e do Arroio Santa Bárbara.

Fatores de ordem econômica, política e social confluíram para a fundação da cidade de Pelotas. Entre eles o crescimento econômico e, conseqüentemente, demográfico da área; a necessidade de controle da produção e circulação de matérias-primas e mercadorias e o desejo de independência administrativa da elite proprietária de terras. O território onde se constituiu o município de Pelotas estava administrativamente subordinado ao município de Rio Grande, o que obrigava aos estancieros - “os homens mais ricos da região”(Cunha, 1928) - a manter a sede de seus negócios nesta cidade, distante de suas unidades de produção de charque.

Esta incipiente elite, dada sua acumulação de riquezas, aspirou fixar-se em um centro urbano de onde poderia exercer seu controle sobre suas terras, seus escravos, além dos criadores de gado da Campanha, a região fornecedora da matéria-prima do charque. O sítio determinado para o assentamento urbano foi localizado sobre os terrenos situados entre os três cursos principais da rede fluvial (Canal de São Gonçalo e arroios Pelotas e Santa Bárbara) onde se situava o núcleo principal das charqueadas. O canal e os arroios eram fundamentais para o desenvolvimento da atividade do “charqueio”, a tal ponto que o historiador João Salis Goulart afirmou que “Pelotas é uma dádiva do São Gonçalo”(Goulart, 1985:208).

Segundo Yunes (1995) existem quatro razões para a fundação das cidades gaúchas do século XIX: as cidades de defesa, as cidades de capela, as cidades de colonização e as

cidades de reduções. Pelotas, poderia ser considerada como uma das cidades de capela, ou seja, aquelas “originadas pelo parcelamento de terrenos em área de *sesmarias* por iniciativa de particulares”. Tal processo de fundação pode ser assim resumido: um proprietário (ou proprietários) doava uma área para a Igreja a fim de que se pudesse estabelecer uma capela; ao mesmo tempo mantinha parcelas para a venda e impulsava a formação de um núcleo inicial de população.

Em trabalho clássico sobre a formação das cidades brasileiras, o geógrafo Pierre Deffontaines (1944) advertiu que este tipo de fundação “tem um alcance social”, adicionando que “o doador quer criar uma cidade” que, a posteriormente, seria um importante fator de valorização de suas terras e de sua posição política e social.

A definição do traçado em tabuleiro de xadrez seguiu uma tradição já presente nas cidades novas fundadas na América, tanto espanhola como portuguesa. No Rio Grande do Sul, quase a totalidade das cidades fundadas no século XIX, por diversas razões (defesa, colonização, ocupação da fronteira, aglutinação da população dispersa) utilizaram o plano em tabuleiro de xadrez (Yunes, 1995). Podemos afirmar que o mesmo processo ocorreu nas cidades da pampa argentina, como se pode observar na obra de P. H. Randle (1977), *La ciudad pampeana*. Utilizamos tal obra como referência por encontrarmos na fundação da cidade de Pelotas, condições que são bastante semelhantes às das cidades da Pampa: origen na pecuária, presença de grandes proprietários de terras, características naturais similares.

Nesta obra o autor realiza uma exaustiva investigação histórica e geográfica buscando as razões da uniformidade do traçado das cidades pampeanas. Desta maneira, destaca a importância das condições naturais (a topografia plana), históricas (a continuidade de aplicação de determinado tipo de traçado), socio-econômicas (o domínio da propriedade da terra), políticas e administrativas (as determinações da legislação), além das propriamente “urbanísticas”, como a possibilidade de divisão e a facilidade de extensão da cidade preservando o mesmo desenho e o mesmo tipo de parcelamento do solo (Randle, 1977:37-60).

Randle, após analisar inúmeras plantas de cidades argentinas, identifica para as cidades pampeanas os principais elementos nucleares, entre eles a praça central e os edifícios no seu entorno, a rua comercial e a estação ferroviária. Além desses, é importante adicionar os elementos “circulatórios” (as vias férreas, os caminhos, e o “bulevar”) e os elementos periféricos (cemitério, o matadouro e o “remate-feira”), que desempenham um papel fundamental no crescimento da cidade (Randle, 1977:80-98).

Sem excluir nenhuma destas contingências, estimamos que foi essencial na definição deste tipo de traçado para as cidades pampeanas a sua simplicidade, bem como a facilidade de fracionamento do solo que permite a quadrícula, o que o tornava mais conveniente para os interesses dos proprietários fundiários e imobiliários. As ordenanças e a legislação, reconhecendo

estas comodidades proporcionadas pelo traçado reticulado praticamente lhe tornava obrigatório nas novas povoações<sup>2</sup>.

A continuação pretendemos descrever os principais elementos do processo de constituição da forma urbana na cidade de Pelotas, dialogando com a obra de Randle, buscando as coincidências entre estes componentes significativos e os marcos urbanos construídos na cidade.

### **O tabuleiro de xadrez na Campanha**

Em seu traçado inicial, a cidade de Pelotas estava delimitada pelos acidentes geográficos do terreno. Discorrendo sobre a formação da cidade brasileira, o arquiteto Murilo Marx (1980:70), aponta que “as baixadas e pântanos também se constituíram impedimentos para o avanço do tecido urbano, que os evitou até que pudesse conquistá-los através de grandes obras de engenharia. Ou melhor, até que tal conquista se fizesse necessária e desejável”.

Em Pelotas, o limite norte da cidade era uma larga rua projetada - todavia não ocupada - chamada *Rua do Passeio*, onde logo se construiu o primeiro cemitério da cidade, trasladado desde o terreno da Igreja matriz. Os termos leste e oeste estavam nas baixadas em direção às margens dos cursos d' água: à oeste, a rua *Boa Vista*, seguindo a margem do arroio Santa Bárbara e à leste, a rua das *Fontes*, cujo nome indica de onde provinha parte do abastecimento de água da população. O limite meridional era a rua da *Palma*, um caminho quase desocupado e que a partir da ampliação da cidade rumo ao sul se converteria no centro do núcleo urbano (Magalhães, 1994). As ruas foram ordenadas exatamente de acordo com a direção dos pontos cardeais, seguindo uma tradição do urbanismo romano que também foi aplicada em outras regiões da América espanhola.

No centro se interrompiam três ruas no sentido longitudinal e uma rua no sentido leste-oeste, em função da abertura da praça da Igreja. Eram justamente estas as ruas que concentravam o maior número de construções e onde os moradores mais ricos (os estancieros e charqueadores) construíram suas casas. O número de edifícios construídos, de acordo com a planta de 1815, foi de 107 e as ruas próximas ao templo eram as mais edificadas. De acordo com as descrições de época do núcleo urbano, as outras ruas eram ocupadas por pequenos ranchos onde se realizava o cultivo de alimentos. A própria toponímia indicava esta situação (como por exemplo pela existência da rua da *Horta*), além de outros usos (rua das *Lavadeiras*, por exemplo). Pela mesma planta de 1815 se pode verificar que a cidade pouco se desenvolveu na direção leste, com suas ruas pouco ocupadas na etapa inicial.

Um dos relatos mais famosos sobre Pelotas no século passado foi o realizado pelo viajante francês Auguste de Saint-Hilaire, que com a assistência de um dos principais proprietários

---

<sup>2</sup> Provisão Real de 09.IX.1747 (“*Provisão pela qual se dá forma a acomodação dos novos Povoadores e Povoações*”). Citada em YUNES, 1995, pp. 26 e 27.

da cidade, Antonio Gonçalves Chaves, conheceu a cidade em detalhe em 1820 e descreveu-a desta maneira:

Situada em uma vasta planície, foi erigida a sede da paróquia e conta com mais de cem casas. Se adotou um plano regular na construção da aldeia. As ruas são bem largas e alineadas; a praça pública onde está construída a Igreja é pequena, porém mui bonita. A frente da maior parte das casas é asseada. Não se vê em São Francisco de Paula um único casebre, tudo aqui denuncia bem-estar. Na verdade as casas somente têm um pavimento, porém estão muito bem construídas, cobertas de telhas e guarnecidas de vidros (Saint-Hilaire,1974:82).

Em 1825 mediante doação do governo provincial para a Freguesia de São Francisco de Paula se criou o *Logradouro Público da Tablada*. Tratava-se de um vasto terreno (1.428,8 hectares) situado ao norte da cidade no qual o gado da Campanha era agrupado para ser comercializado. A feira da Tablada, que foi situada na porção mais ao sul do terreno, ou seja, mais próxima do núcleo da cidade, era uma ampla praça que concentrava as relações de compra e venda do gado, que envolviam estancieros (criadores) e charqueadores (produtores de carne salgada).

A estrutura da Tablada correspondia ao que Randle chama de “remate-feira”, o local de compra e venda do gado pampeano. Sua implantação teve diversas repercussões no desenvolvimento da cidade, fomentando o crescimento das atividades comerciais e de serviços, uma vez que proprietários e peões, depois de realizarem seus negócios e seus trabalhos, buscavam a cidade para a compra de bens e mercadorias, assim como para diversão (Gutierrez,1993:173). Nas décadas posteriores, a Tablada exerceria a função de atração do crescimento da cidade na direção norte, atuando simultaneamente como estruturante do espaço urbano, pois as estradas que ligavam a área ao núcleo central e às áreas produtoras de charque se transformaram em vias urbanas importantes.

Os negócios efetuados na Tablada impulsionaram as atividades produtivas, tanto rurais, como urbanas. O já citado estudo de Gutiérrez aborda a combinação, no espaço produtivo das charqueadas, através da utilização da força de trabalho escrava, da atividade de produção de charque (que era exercida nos meses estivais) com a produção de ladrilhos e telhas (nos meses sem tarefas com o gado). Esta relação complementar repercutia no espaço urbano, pois produzia uma ampla disponibilidade de materiais para a construção civil à baixo custo, que servia como alternativa de investimento urbano dos grandes proprietários (Gutierrez, 1993:178).

Desta maneira não é difícil considerar como bastante fiéis à realidade os relatos dos viajantes sobre o bom aspecto e a pujança das casas na cidade de Pelotas.

Os posteriores loteamentos que ampliaram a cidade mantiveram o mesmo estilo de traçado em tabuleiro de xadrez, racional, reticulado, heterogêneo (pois as quadras não eram todas a mesma dimensão), com predomínio da quadrícula sobre os retângulos. Tal traçado manifestava uma nítida diferenciação com a típica cidade colonial brasileira, de origem portuguesa, que

apresentava sobretudo um traçado irregular, de ruas estreitas e tortuosas (Marx, 1980:23-24). Sem embargo, como aponta a citada tese de Yunes, o modelo quadriculado foi predominante no estado do Rio Grande do Sul, com exceção da cidade de Rio Grande, primeiro núcleo urbano gaúcho, implantado em 1737, ou seja, em data anterior à provisão real de povoações.

As novas ruas traçadas eram mais largas que as do núcleo primitivo e a cidade experimentou um cambio na direção de sua expansão se tornando mais extensa no sentido norte-sul. Houve a hierarquização das ruas: as longitudinais - alargadas em direção ao sul, até as margens do São Gonçalo - passaram a ser as ruas principais; as de sentido leste-oeste foram consideradas como transversais e não se produziu a ampliação de seu traçado, mas a cidade ganhou mais 16 ruas nesta direção. A cidade se organizou então em 23 ruas transversais e 12 ruas longitudinais (principais), com um total de 35 ruas e 142 quadras, das quais 40 somente estavam somente delimitadas, sem ocupação<sup>3</sup>.

O lugar designado à nova praça central, para qual se trasladaria a Igreja Matriz era novamente o ponto mais proeminente do sitio urbano e a rua de São Miguel assumia o papel de rua principal, pois além de ser a de maior extensão, cruzando a cidade de norte à sul, estava situada na cúspide do sitio urbano, seguindo todo o divisor de águas das bacias do Santa Bárbara e do Arroio Pelotas. Não é por acaso que a igreja projetada teria sua porta principal para esta rua.

Foram planejados e demarcados os espaços para as futuras praças (um total de cinco) e se produziu uma nova centralidade urbana na cidade. Ao redor da nova praça da matriz se construíram a Câmara Municipal - o principal órgão político-administrativo do município-, o *Teatro 7 de Abril* e se demarcou o terreno para a nova igreja matriz, que, contudo, nunca seria construída nesse local. As ruas de conexão entre o centro antigo e o novo centro foram as que mais se desenvolveram, entre elas as ruas das Flores, São Miguel, da Igreja e do Comércio, como se pode observar na planta da cidade de 1835.

Nesta planta estão delineados os seguintes equipamentos: a nova praça da Matriz e demais praças projetadas, o cemitério, o quartel, o presídio, o terreno destinado ao hospital e uma nova ponte que seria construída sobre o arroio Santa Bárbara. A planta indica também as ruas já ocupadas e aquelas que estavam apenas em projeto. Assinala, ademais, os pontos já edificados do núcleo urbano, o que, realizando uma comparação com a planta anterior, nos permite deduzir que a cidade consolidava seu núcleo com maior densidade de construções entre as duas praças principais e se estendia com mais velocidade em direção ao sul, para as márgens do São Gonçalo. Provavelmente, o plano de construção de um hospital (que foi inaugurado em 1857), a presença do cais e o projeto de construção do porto nesta área valorizavam-a e atraíram novos habitantes.

Nicolau Dreys, viajante que esteve em Pelotas em 1839, considerou-a como uma cidade nova e populosa, além de “exemplo espantoso da rapidez que cresce a população” e o

---

<sup>3</sup> Dados de OSÓRIO, M. O. (1994), *op. cit.*, ARRIADA (1991) e SCHELEE, A. R. Arquitetura Pelotense, in MOURA, R. & SCHLEE, A. R. *100 imagens da arquitetura pelotense*. Pelotas: Palotti, 1998, p. 17-23.

“desenvolvimento da prosperidade no Novo Mundo”. Deixou, incluso, uma das mais significativas descrições da vida social da cidade neste período:

A cidade de Pelotas está levantada num terreno alto que principia na margem esquerda do rio São Gonçalo, e se estende entre os rios Pelotas e Santa Bárbara; seu rápido adiantamento resulta de sua proximidade das charqueadas e, por conseguinte, do concurso dos charqueadores, homens prósperos e que geralmente adotam posições liberais; sua vontade era, de fato, suficiente para operar a transformação que se faz notar: eles quiseram que o lugar prosperasse e o lugar prosperou; cada um deles tem ali sua casa urbana; e quando nos domingos ou dias santos, a população das charqueadas se junta na cidade para assistir o serviço divino e depois se dispersa em visitas recíprocas ou em busca dos tecidos que as lojas ostentam com igual asseio e abundância, é difícil fazer-se idéia do ambiente de vida e opulência que respira a cidade de Pelotas (Dreys, 1961:116)

Não obstante, também lançou sua mirada aos aspectos formais do centro urbano e de seu crescimento em direção às povoações periféricas:

As ruas principais da cidade de Pelotas seguem quase todas uma direção perpendicular ao rio São Gonçalo; são largas e direitas, com seus corretos ladrilhos nas paredes das casas: vantagens que compartilha com todas as vilas recentes do Brasil (...) A cidade parece tender a aproximar-se do rio São Gonçalo e quando chegue a estender seu caes pela margem daquele rio majestoso, com o qual já está em comunicação pelo porto onde fazem a descarga as embarcações que lhe são destinadas, e pelo *Passo Rico* ou *Passo dos Negros*, que já se pode considerar como um subúrbio, a cidade de Pelotas, que já tomou acento entre as mais asseadamente edificadas do Brasil, poderá ser contada como uma das mais importantes praças de comércio (Dreys, 1961:117).

### **A cidade como obra: as transformações urbanas**

Depois da consolidação do traçado que forma o núcleo original e de sua primera ampliação, a cidade de Pelotas passou por um novo período de transformações urbanas nas décadas posteriores à Revolução Farroupilha, na segunda metade do século XIX. A acumulação urbana já se fazia importante na manutenção da riqueza das famílias de charqueadores e o espaço urbano se manifestava como um lugar de concentração dos mercados, entre eles o mercado imobiliário<sup>4</sup>. As transformações urbanas a que nos referimos são de outra qualidade. Não se trata somente de ampliar o tecido urbano, naquele momento com o núcleo urbano já fixado; se trata de dotar o mesmo de monumentalidade, ou seja de prover a cidade daquilo que Henri Lefebvre considerava “o sentido de obra de arte”. A cidade da elite aristocrática e suntuosa necessitava fazer-se singular e monumental.

---

<sup>4</sup> Os inventários das ricas famílias pelotenses comprovam tal fato. Como por exemplo, nas propriedades urbanas de Antonio Gomes Moreira, o Barão de Butuí em 1848: dez terrenos, quatro sobrados (duas casas e dois pontos comerciais), doze lances de casas térreas, uma casa com dez portas, uma casa com cinco portas, duas residências com quatro aberturas, quatro casas com três acessos e quatro casas com duas portas. In GUTIERREZ, E. *Op. cit.* p. 76.

Desta forma se produz o início da construção do Mercado Público (1848) na nova área central da cidade. Este equipamento estava inserido num projeto de aformoseamento do centro da cidade. É interessante notar que o Mercado Público foi situado no núcleo central, processo produzido em Pelotas por dois motivos: primeiro, pelo fato da cidade naquele momento não se caracterizar totalmente como uma cidade portuária; segundo pela importância das relações entre o núcleo urbano e as zonas produtoras do interior. Entretanto, a situação reforça a idéia de projetar uma cidade mais exuberante<sup>5</sup>.

Ocorreu nas décadas finais do século passado, a etapa que Magalhães (1993) classifica como “de opulência e apogeu material e cultural” da cidade, em função do crescimento da economia das charqueadas. Foi neste período que se construíram os edifícios mais significativos, quase todos em estilo neoclássico (o predominante na cidade), e também o da chegada da ferrovia com a respectiva construção da Estação (terminada em 1884). Os “casarões” edificadas nestas décadas são as construções mais expressivas na morfologia urbana de Pelotas, verdadeiros marcos urbanos, entre os quais se destaca outro traço singular, sua colocação em frente às praças, reforçando a significação destas como espaços públicos.

Sem dúvida, o lugar mais beneficiado foi a nova praça construída a partir da ampliação da cidade produzida em meados da década de 1830, chamada então de Praça da Regeneração. No entorno desta estavam os prédios da Câmara Municipal, a Biblioteca Pública, o Teatro 7 de Abril e - em posição oblíqua - o Mercado Público. Estas construções converteram a praça em principal: função ampliada pela colocação das casas das famílias mais poderosas da cidade no seu entorno. Ou seja, na realidade este é o verdadeiro momento de produção do centro da cidade, no sentido de que a cidade foi dotada de um núcleo monumental, que além de edifícios e construções importantes possuía um significado simbólico para a população. Aqui se tratava de transmitir à paisagem urbana a idéia do poder político e econômico dos grupos dominantes da cidade, distantes do poder provincial, instalado em Porto Alegre.

Convivem, desta forma, duas tradições urbanísticas em Pelotas: a lusitana (do “largo” em frente à igreja) e a espanhola, da praça maior, com a igreja e os principais edifícios públicos. É importante anotar, uma vez mais, que esta tipologia é característica das cidades do sul do Rio Grande do Sul, como apontam outros trabalhos<sup>6</sup>.

Com a ampliação da cidade rumo ao norte, na direção da Tablada, o antigo Passeio Público se transformou numa importante avenida, no estilo do “bulevar”, uma avenida com um largo canteiro central, que, todavia, não encontrava um nível de circulação correspondente à sua importância urbanística.

---

<sup>5</sup> “Os mercados municipais merecem destaque pelo importante papel econômico e social, a partir do século passado, e pelo novo elemento característico que introduziram na nossa paisagem urbana. Geralmente de banda e na borda da cidade (...) São todos símbolo da ação reguladora do Estado e da sua responsabilidade para com o abastecimento de uma gente cidadina, que não planta o que come”. MARX, M. *Op. cit.*, p. 81-82.

<sup>6</sup> Ver MARX, M. *Op. cit.*, p. 49-56; YUNES, G., *Op. cit.* e SCHLEE, A. R. *Op. cit.*, p. 17-23.

O ferrocarril chegou à cidade em 1877 provocando o crescimento da ocupação na baixada oeste em direção ao arroio Santa Bárbara, onde se edificou a estação. O Parque Pelotense, lugar de ócio e descanso da população pelotense, foi inaugurado em 1883 no bairro Fragata. Nas décadas seguintes este bairro foi um dos que mais cresceu com o parcelamento de suas propriedades, pertencentes à famílias ricas da cidade. Tanto a estação de trens, como o Parque Pelotense, impulsaram a criação de linhas de bondes.

A estação e as linhas férreas alteram a estrutura urbana da cidade, pois determinam um novo pólo de crescimento, distinto do núcleo entorno da praça central. O poder de atração da ferrovia é capaz de criar uma nova rua comercial e de serviços, aquela que liga o centro à Estação (Randle, 1977:86).

Outros elementos importantes para orientar o crescimento da cidade foram os caminhos que relacionavam Pelotas com a sua área rural circundante. Ao longo do seu traçado se estabeleciam “armazéns coloniais” que vendiam produtos para a população da zona rural e se convertiam em focos de atração para uma pequena aglomeração de casas. Posteriormente o parcelamento das terras levaria à formação de subúrbios.

A *Estrada da Costa* conectava o núcleo central com as principais charqueadas do Arroio Pelotas. À leste da cidade, entre esta e as charqueadas se desenvolveu o povoado Dunas, um assentamento de população anterior à fundação da cidade. O Passo dos Negros estava ligado à cidade pela *Estrada para a Boca do Arroio* um caminho que permitia também o acesso à travessia do São Gonçalo em direção à cidade de Rio Grande. A Campanha, região produtora do gado para as charqueadas, estava ligada a Pelotas pela *Estrada de Piratini*, que cruzava o bairro Fragata, contribuindo ainda mais para o seu crescimento. Este bairro foi ainda beneficiado pela instalação do cemitério da cidade e, posteriormente, do quartel, dois significativos elementos periféricos de atração do crescimento urbano.

Finalmente, a *Estrada do Monte Bonito* era o eixo de circulação que unia o centro da cidade à feira da Tablada e deu origem ao bairro Três Vendas (numa clara alusão à intensa atividade comercial desta zona). No bairro das Três Vendas se localizou também o Matadouro Municipal, outro elemento periférico importante nas cidades pampeanas. Um distinto fator de ocupação da área foi a implantação de colônias de imigrantes europeus no município de Pelotas, que se deu a partir de 1865. A estrada do Monte Bonito se tornou o caminho principal de transporte e circulação da produção das colônias. Além disso, é importante assinalar que com o desenvolvimento das comunicações terrestres foi também a via de relação de Pelotas com Porto Alegre.

Nos aproximamos assim ao “modelo clássico da cidade hispanoamericana” apontado por Hardoy, ou seja, uma cidade segmentada em setores hierarquizados e de distinta funcionalidade no espaço urbano: o centro, organizado ao redor da praça principal com o comércio, os serviços e as casas da população abastada; a zona de transição, parcialmente construída e de ocupação rarefeita, onde alguns usos rurais se combinavam com construções de

caráter urbano; os subúrbios de edificação dispersa ao longo das estradas; e, finalmente a zona de granjas e as primeiras explorações agrícolas e pecuárias (Hardoy, 1972:131-132).

O comércio da cidade também se desenvolveu. A tradição comercial da cidade começa justamente na Rua do Comércio, cuja nomenclatura no traçado fundacional da cidade, e conservada até 1866 já indicava a intenção de que ali se localizasse o comércio da cidade. Na verdade se localizaram nesta rua estabelecimentos comerciais (as chamadas “casas de negócio”) que tinham uma oferta tão distinta como variada: tecidos, roupas, chapéus, alimentos, artigos de prata e louças, cristais. Uma oferta de acordo com a função do centro urbano, que abastecia tanto a elite terratenente, como uma ampla hinterlândia que se estendia até a região da Campanha. Contudo, a rua do Comércio não era a mais central, estando afastada dos principais edifícios públicos. Talvez este fator, aliado com a densificação de sua utilização como área comercial (um tipo de uso conflitivo com a presença de algumas residências de famílias importantes), levaram à mudança de localização do comércio que posteriormente ocupou a rua São Miguel.

Esta nova localização comercial era perfeitamente admissível, pois a cidade crescia em área e população abarcando o abastecimento de um território regional onde este crescimento também era presente. A conjuntura tornava quase obrigatória a pluralidade de ruas comerciais. A distância entre o centro e o porto, bem como da estação ferroviária, de certa maneira impediu que se formassem zonas comerciais alternativas ao núcleo da cidade. A função de “sub-centros” comerciais ficou reservada aos armazéns de subúrbio como vimos anteriormente.

Os anos finais do século XIX perceberam um notável crescimento das atividades comerciais e o surgimento de casas importadoras das últimas novidades de consumo européias, aproveitando-se da elevação do poder aquisitivo da elite e caracterizando a cidade como uma urbe de consumidores suntuosos que somada à movimentação artística e cultural acabaram por caracterizar a cultura urbana pelotense em todo o Rio Grande do Sul. É um período rico em mudanças sócio-espaciais que coincide com o projeto modernizador e a “chegada da modernidade” à cidade de Pelotas (Ueda, 1998:23).

### **Considerações finais**

Alcançamos, então, a um momento importante na evolução da morfologia urbana da cidade de Pelotas. Até aqui vimos duas fases do desenvolvimento urbano importantes na definição de sua morfologia: o assentamento inicial da cidade e suas funções políticas e sua transformação numa cidade dinâmica, com funções comerciais. Atingimos um ponto de inflexão: nas décadas finais do século passado, a acumulação de capitais e o progresso técnico das charqueadas e as transformações econômicas e sociais ocorridas no Brasil (abolição da escravatura, proclamação da república) propiciaram um desdobramento desta atividade econômica e a transformação de Pelotas em um centro industrial.

Entretanto, não é somente este crescimento populacional e do meio-ambiente construído que nos interessa neste momento. O conteúdo deste espaço construído foi se fazendo

cada vez mais complexo. As funções urbanas, e as classes sociais que nele encontravam abrigo indicam que realidade urbana está se transformando e produzindo um novo significado para o espaço urbano. Um traço distintivo de Pelotas com relação a outras cidades do Rio Grande do Sul, naquele momento um estado que ainda suportava uma incipiente urbanização, com exceção de sua capital, Porto Alegre, e da cidade de Rio Grande.

Pelotas, na transição do século XIX para o século XX, superou uma etapa importante na trajetória do rural rumo ao urbano. A cidade política também já era uma cidade comercial, para onde confluíam capitais, pessoas; onde se construía uma centralidade e se aglomeravam os distintos tipos de mercado: o mercado *stricto sensu*, o mercado do solo, e o mercado de força de trabalho (Lefebvre, 1980). Estavam presentes na sua estrutura urbana as condições para a construção da cidade industrial.

Porém, é a partir deste momento que se dará início à integração da economia regional centralizada em Pelotas ao mercado nacional brasileiro, processo que se completou depois de 1930. As mudanças políticas e institucionais no Brasil levaram à formação de uma identidade nacional. Neste processo, a diferenciação e o afastamento em relação às cidades do Prata e a dependência em relação à capital do estado eram necessárias para a reafirmação da “brasilidade” do território gaúcho.

Como consequência mais imediata, e talvez mais prejudicial para a cidade, Pelotas deixa de ser o centro de uma região econômica autárquica. Os fluxos de mercadorias, de informações e o controle do território se dirigem para Porto Alegre. Pouco à pouco a cidade abandona sua essência original e transita de cidade pampeana à cidade brasileira.

## **Bibliografia**

- ARRIADA, E. *Pelotas: Gênese e Desenvolvimento urbano (1780-1835)*. Pelotas: Armazén Literário, 1991
- CUNHA, A. C. *Antigualhas de Pelotas*. Publicado em *A Opinião Pública* (de 29.VI.1928 a 20.XII.1928).
- DEFFONTAINES, P. Como se constituiu no Brasil a rede das cidades. *Boletim Geográfico* nº 14. Rio de Janeiro: CNG/IBGE, 1944, p.141-148.
- DREYS, N. *Notícia descritiva da Província do Rio Grande de São Pedro do Sul*. Porto Alegre: IEL, 1961.
- GOULART, J. S. *A formação do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1985.
- GUTIERREZ, E. B. *Negros, Charqueadas & Olarias - um estudo sobre o espaço pelotense*. Pelotas: Editora UFPel, 1993.
- HARDOY, J. E. El paisaje urbano de América del Sur. In *Las ciudades en América Latina – seis ensayos sobre la urbanización contemporánea*. Buenos Aires: Paidós, 1972, pp. 121-160.
- LEFEBVRE, H. *La revolución urbana*. Barcelona: Península, 1980.
- MAGALHÃES, M. O. *Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história da cidade de Pelotas (1860-1890)*. Pelotas: EdUFPEL/Livraria Mundial, 1993.
- MAGALHÃES, M. O. *Os passeios da cidade antiga: guia histórico das ruas de Pelotas*. Pelotas: Armazén Literário: 1994.
- MARX, M. *Cidade Brasileira*. São Paulo: Melhoramentos/Editora da USP, 1980.

RANDLE, P. H. *La ciudad pampeana. Geografía urbana. Geografía histórica*. 2ª edición. Buenos Aires: Oikos, 1977.

SAINT-HILAIRE, A. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. Belo Horizonte: Itatiaia. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1974.

SCHELEE, A. R. Arquitetura Pelotense. In MOURA, R. & SCHLEE, A. R. *100 imagens da arquitetura pelotense*. Pelotas: Palotti, 1998, pp. 17-23.

UEDA, V. *Inovação tecnológica e espaço urbano: a implantação da Companhia Telefônica Melhoramento e Resistência em Pelotas/RS*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1998 (Dissertação de mestrado em Geografia).

YUNES, G. *Cidades Reticuladas: a persistência do modelo na formação urbana do Rio Grande do Sul*. São Paulo: FAU/USP, 1995 (Tese de Doutorado).